

Diego  
Mendes  
Souza



# AGULHA DE COSER O ESPANTO

“(…) No entanto, fugir ao nada, à loucura, é o grande desafio de qualquer grande poeta na transação com o *consolo metafísico*, e na poesia de Diego Mendes Sousa isso se torna ainda mais agudo ao querer reunir, em um assonamento de adjetivos estratégicos e altissonantes, as vozes ruinosas em um transe impossível entre a vida e a pureza ansiada: o resultado é ancoragem desesperada no imagístico, ou no perdulário que a linguagem (impotente) possa ainda sugerir como resgate. Tudo deságua em uma poesia radical (mergulhada nas raízes do nada) e seus estilhaços de deslocamento cada vez mais utópicos, dependente dos “estribos” dos recursos da linguagem.

Diego Mendes Sousa é uma voz poderosa soprada do litoral do Piauí, que ressoa todo grande poetas contemporâneos, na verdade. (…)

Depoimento de João Carlos de Carvalho (1962-) extraído do ensaio intitulado *O lirismo radical: convergência e divergência da nostalgia do nada na poesia de Diego Mendes Sousa*.



*Diego  
Mendes  
Souza*



DE CRIAÇÃO  
**área**

Teresina, 2023



# AGULHA DE COSER O ESPANTO



“Quanto mais imagens inventa um poeta mais alto  
[é ele em sua glória].”

*Camille Maclair*



*Para João Batista Mendes Teles,  
que sabe reconhecer assombros.  
Apreciador dos livros e meu amigo.*



*Em memória*  
*à Nélida Pinõn (1937-2022),*  
*dileta amiga, minha primeira inspiração literária,*  
*com o peso da saudade.*

## APRESENTAÇÃO

*Néida Piñon*

Que beleza é esse calendário verbal que Diego Mendes Sousa detém. Palavras que muitas delas me são desconhecidas, mas que estão entranhadas no seu ser poético, no seu coração. Coisa fina dispor de palavras só suas, como se Diego tivesse uma Língua própria, inventada parcialmente, apesar de essas palavras precederem a sua vontade de poeta. Muito bonito mesmo. Esse amor nos salva.

Diego Mendes Sousa é um ditador de modas poéticas. Abre picadas. E tem um percurso brilhante, de bela genealogia épica e lírica, com traços da grande prosa (e com os traços bíblicos), além do mergulho na origem sentimental das pessoas, de cada existência.

Diego Mendes Sousa explora a multiplicidade do ser embutido em si mesmo. Seu poema “Carnaubal”, do livro

*Velas Náufragas*, projeta o poeta a um outro patamar, com muitas portas abertas. Muito comovida. Poeta de caráter, de devoção e de espírito altaneiro.

Eu preciso entender essa “Carnaúba” tão mágica. Diego Mendes Sousa tem o dom para sondar a natureza como matéria poética. Escrever, para ele, é também mágico.

Sua poesia é uma coisa bela, muito poderosa, um fluido de vida. Vem de onde? Vem do sublime todo o seu talento. Coisa bonita, combinando o talento e a generosidade, com o próprio poeta, com a poesia, com os amigos, com o mundo.

É realmente uma poesia fantástica. Diego Mendes Sousa é um poeta que me emociona por seu desprendimento verbal. O verbo pede isso, pois tem origem, mas não tem finalidade. Não sabemos para onde ele vai. O verbo de Diego Mendes Sousa é lindo, é muito bonito.

# SUMÁRIO

## **AGULHA DE COSER O RIDÍCULO**

16	EMISSÁRIO DO RIDÍCULO
18	MISSIVA
21	FRUGAL
22	CONSTATAÇÃO
23	REVELAÇÃO
24	AVE DOÍDA
26	CERTEZA
29	A CASA
32	O BARRO
34	PENITÊNCIA
38	VATICÍNIO
42	<i>ARS POETICA</i>
45	POÉTICA
47	CIRANDA
48	A DEFINIÇÃO DO POETA
49	<i>INSIGHT</i>

## **AGULHA DE COSER O TEMPO**

52	O TEMPO
54	PASSAGEIRO
57	HIPNOSE
58	SENTENÇA
59	CATEQUESE
60	DE PROPÓSITO

61	PRECIPITAÇÃO
65	EFÊMERO
66	BAGAGEM
67	MOVIMENTO
68	SABEDORIA
69	FILOSÓFICA

### **AGULHA DE COSER O AMOR**

72	AS CURVAS
73	AMADA
74	O RITO
75	O MAR
77	MUSA
78	ILUSÃO
79	AOS POUCOS
80	DESRAZÃO
81	AGORA
82	ATRAÇÃO
83	RESULTADO
84	RESSURREIÇÃO
85	DALÉMUNDOS
86	<i>HABEAS ANIMA</i>
89	BEIRA DE RIO
90	MÁXIMAS
92	LENDÁRIA
93	RIATLA
100	EU ME PROCURO



*“A consciência é um milagre.”*

*Manuel Bandeira*





AGULHA  
DE COSER  
O RIDÍCULO

# EMISSÁRIO DO RIDÍCULO

*“Todas as cartas de amor são Ridículas.”*  
*Fernando Pessoa*

A poesia é a máxima expressão do ridículo  
e o poeta é um ser  
excêntrico e risível.

O ridículo torna-se íntimo das palavras  
e o poema  
é a peça orgânica  
que viabiliza  
o estranhamento da linguagem.

É no poema que o poeta expõe  
as suas dores  
e as suas mazelas,  
a operar a desprezível história pessoal,  
a revelar  
a sua exótica humanidade.

A poesia é assim,  
a insanidade a rir de si mesma.

Prefiro ser ridículo  
a ter que perder as paredes testemunhais  
dos meus sentimentos  
e sofrimentos.

Reencontro a minha infância,  
porque é na inocência  
(ou ainda no amor ausente ou na urgência da paixão)  
que reside toda alma  
devota ao ridículo.

# MISSIVA

Para Nélida Piñon

*"A poesia é uma espécie de regresso a casa."*

*Paul Celan*

Poeta,  
teu destino  
é golpeado  
à faca!

Os teus sonhos  
perdem-se  
à tinta  
dessa página  
já esquecida  
e enxovalhada.

A vida

(o teu próprio  
ser amargo  
e nevoento)

é traçada  
à mão.

E a morte?

Às gargalhadas  
sopra os sinos  
do nada  
no rasgo  
da ilusão.

E o tempo?  
Esse abismo  
no labirinto  
do vento.

Esse pássaro  
ambíguo  
à espreita  
sempre  
dos teus  
vacilos!

O corpo  
à mostra  
ainda sangra  
a prece dolorida  
dos presságios.

E a poesia  
aparece aqui  
e ali  
à toa  
e inesperada  
cara a cara  
com os teus  
fantasmas.

Face a face  
com a tua  
alma.

## FRUGAL

O poeta é o lojista do mundo  
também o camponesinho  
do humano  
e o viajante sem batismo

# CONSTATAÇÃO

Poesia  
é uma coisa  
de doido.

# REVELAÇÃO

Poesia é uma dóida  
consoada ao nada.

## AVE DOÍDA

O poeta  
é aquele  
ser risível  
que opera,  
pesa, sente,  
sangra  
e galopa  
insano.

Dói  
o espanto  
e se descoisificam  
os nomes.

Como dói o espanto?  
Como dói o espanto!  
Como dói o espanto.

O poeta dói-dói  
é essa ave doída  
ridícula e ferida  
que sonda

o abismo  
o tempo  
a vida

as ruínas

e voa  
só voa só voa  
só voa

## CERTEZA

Poesia  
é o pássaro  
afogado  
no mar

o peixe alado  
sobre a terra  
firme

a luz fugidia  
na manhã

o diáfano  
no deserto

o rosto  
sem tempo

a matéria  
sangrenta

o vento  
estático  
da vida

e o segredo

Poesia  
é a fé  
e a febre

a dor e o amor

o olhar  
no silêncio  
e o degredo

a mudez do grito  
a vela do incêndio  
a ausência  
do destino

Poesia  
é o pensamento  
é o sentimento  
é o deslumbramento  
desse canto  
amargo

Antes de tudo  
e depois do nada

o fim do começo  
e o início do fim

Poesia  
é a mãe  
do mistério  
e a solidão  
da sombra

(a casa  
íntima  
da alma)

Poesia  
é a agulha  
de coser  
o espanto

a vaga lírica  
a tristeza da alegria  
magra

o encanto

## A CASA

A casa desabriga o mínimo  
e abre o tempo que perpassa  
sob os alardes ferozes do vivido.

Os lençóis de linho.  
As paredes intactas.  
Os quadros imóveis.  
As camas confessas,  
os travesseiros de algodão,  
os habitantes  
desaparecidos do lugar.

Os segredos da família, o seu desamparo  
além de todas as cousas adiadas e pressentidas,  
os seus desejos violentos e a sua insônia.

A casa abriga o máximo e deixa desabrigado o mínimo.

As tardes interrompidas, o absurdo paralisado.  
As sobras que predizem  
o não dizer.

O rosto insular.  
Pedaços da dor, alimentos. Seus restos.

Os guizos do silêncio.  
Os sinos, a mesa posta.  
Aventura da memória farta.  
Mãe. Pai. Vô. Vó. Irmãos.  
Febre e deslumbramento.

A casa sobrevive em sua turbulência  
de sombra e solidão possuídas.  
Detida por arranhões, os alicerces rompidos.  
Noturna e ferida  
por procelas não esquecidas.

A casa hospeda o íntimo,  
a árvore, a genealogia, os quintais,  
as mangueiras da infância,  
os pássaros imaginários, os bens audíveis da alma,  
o espelho e as suas trincas,  
as alegrias e as tristezas.  
A casa,  
o seu ser risível,  
a profecia do estranhamento  
que reabita  
anuncia

sentimentos, alucinações  
e os seus próprios vazios.

A casa e o seu interior.  
A fala agressiva. Provocações.  
Manhã envelhecida.  
E outra vez  
os seus sóis.

A casa expulsa o íntimo e o seu mínimo.  
As raízes. As lembranças do amor.  
As fantasias mais cruéis.  
O olhar deveras possessivo e os seus fantasmas.

## O BARRO

Criação:  
o pó esculpido.

Deus,  
o oleiro  
que tece à mão  
a terra perdida.

Rio do tempo:  
lava o chão da vida.

Poeira vermelha  
a sangria selada  
a obrar o passado  
pelos brancos desertos.

Noite amarelada, ampulheta lenta,  
a pensar presságios,  
o escarro do barro.

Olaria das águas  
a encharcar o solo,  
existência silenciada,

soterrada,  
seus tijolos,  
o monjolo, o estrondo  
e a dor...

## PENITÊNCIA

Venero os beija-flores  
que com seus voos  
em alto-falantes  
parecem imprecisar  
a prece da ave-maria

aves de um relevo sofrido  
aves de um segredo fracassado  
aves de um tempo arrependido

Louvo os beija-flores  
na tarde de uma primavera  
para muito além  
da minha alma  
perplexa  
nos bálsamos  
da noite

para muito além  
da minha casa  
abismada  
no passado

Setembro  
vem se  
destampando  
para a vida  
duramente  
invadida  
cruelmente  
perdida  
violentamente  
esquecida

e o coração  
assustado  
peregrina  
atônito  
sem trilho

ave-marias  
ave-marias  
ave-marias

Aprecio os beija-flores  
também  
os dias  
que desembarcaram

enfurecidos  
para o fundo  
da ladainha  
do meu eu  
ausente

do meu eu  
ausente

Pai nosso...  
Santificado seja...  
na terra  
no céu

O céu mais alto do que a terra!  
A terra mais profunda do que o céu!  
O céu e a terra desgrenhados na memória!

O subterrâneo de todas  
as cousas incompreensíveis  
e o sentido da existência  
às escondidas

Admiro os beija-flores  
as verbenas  
as margaridas  
as papoulas as orquídeas  
as xananas  
as dalias  
os lírios as lavandas  
as mimosas  
as rosas as tulipas  
as verônicas as violetas  
as açucenas  
e as terceiras lembranças  
de muitos outros  
acontecimentos  
impregnados  
à dor etérea

# VATICÍNIO

Para Luiz Ayrton Santos Junior

Hoje o que existe  
é a dor do existir  
e a taciturna  
inércia  
dos sinos.

A existência  
é uma exigência  
de urgência.

Antes existia o ser mudo  
dentro de mim.

Presente  
existo  
em meu relógio cego  
e descompensado.  
Poesia é perícia  
do tempo agudo  
para muito além

da autópsia  
dos anos sonolentos.

Enveredo pela vida  
a mirrar  
o meu retrato apavorado  
em mistérios

o coração  
sangra  
na noite  
quase  
morta.

Migro para o amanhecer  
à espera  
de uma aurora  
de pássaros  
em sobressaltos.

Tenho estranho zelo  
pelo fim do mundo,  
mas também  
medo.

Existirão  
nos sonhos  
o horizonte  
dormido  
nas sombras  
e o silêncio  
mais grave  
e humano  
do não  
existido.

Tarde,  
no crepúsculo  
da alma,  
na armadilha  
do inesperado  
destino,  
quando  
o ser  
revelar-se  
distante  
na miragem  
e no desatino  
do eu  
existencial  
e passageiro:

a dor alada  
de ter sido  
poeta  
e profeta  
perecidos.

## **ARS POETICA**

*“Tudo se gruda aos ossos deste empenho  
de esquecer o que sou e de onde venho.”*

*Jorge Tufic*

Deus, o Teu canto de vésperas  
abriu a luz do meu abismo.  
Caí no mistério regressado do oceânico  
em mim.

Meu ser é um tormento varrido  
de dor e de miséria  
e o tempo é uma vivenda,  
também a estória da queda,  
o vagar que não espera...

Meu Deus, morro tantas vezes nesse crepúsculo.  
A vida que nada entende do destino...  
Se o coração não fosse a corda da existência  
seria a própria alma machucada em seu fim...  
Avaria de tudo do que se foi,  
destruição de tudo o que fui.

Meu Deus, deixa o mais estranho lamento  
perfurar os meus olhos tristes  
para que o horizonte seja  
a sensatez  
da noite não dormida.

Outro dia, mergulhei no mar...  
As praias da ilusão voaram  
sobre a aurora do Teu caminho.  
Mas fujo de mim mesmo  
(nuvem carregada de voracidade)  
e para essa fatalidade  
não existe compaixão.

A poesia dos Teus passos  
é a claridade da minha angústia.

Deus, meu Deus,  
livrai-me de mim.

Ao menos, se assim  
Teu predicado ordenar,  
livrai-me dessa vocação  
maldita  
de predizer o íntimo.

Livrai-me desse infinito,  
de mãos beijadas,  
que é o meu martírio.

Deus, meu Deus,  
livrai-me sempre de mim.

# POÉTICA

*“A Ideia Poética é aquela que posta em prosa exige ainda o verso.”*

*Paul Valéry*

Quero que o meu poema seja terra a terra. Sincero como a paisagem do rio da minha terra. Belo como a alma dessa terra: casa incendiada, explosão acontecendo.

Meu poema é como a tarde que se afoga em chuva, como a noite dos mistérios, turvas manhãs às claras. Meu poema com rosto de solidão, com curvas de lamentos e auroras de mágoas.

Meu poema, fugaz ser do mar, pássaro consumido. Ilha de dor, espantado e revoltado. Ondas de um tempo exilado, massacrado e morto, essas águas insones.

Meu poema sem vestígios, porém com sangue e voo. Meu poema, meu martírio.

Meu poema com gestos de delicadeza. Meu poema em leito de vida, margens protestadas do sonho, sinos dobrados e bêbados da derrota.

Às águas, o meu desespero! Espelhos d'água, a minha terra, o meu poema. Meu poema, assim na terra como no céu.

Meu poema, como preceito de um revelado bálsamo irreal. Meu poema, de coração detonado. Túnel vazio, imagens devassas, praias iluminadas. Meu poema desfolhado e amargo. Meu poema como herança, cemitérios de ruínas.

Meu poema, destruição e contemplação.

## **CIRANDA**

E a poesia sempre é  
melhor do que nós,  
ou mesmo maior,  
já que ela é círculo  
de girassol e de aventura.

## A DEFINIÇÃO DO POETA

O poeta é uma formiga alada e/ou uma cigarra sem asas!  
Constrói, destrói e reconstrói com os sentidos.  
Canta, decanta e recanta com os sofrimentos.

O poeta é um sensível,  
que conhece o céu e o inferno,  
a claridade e a escuridão,  
sem perder o lume da palavra  
e os mistérios da vidência.

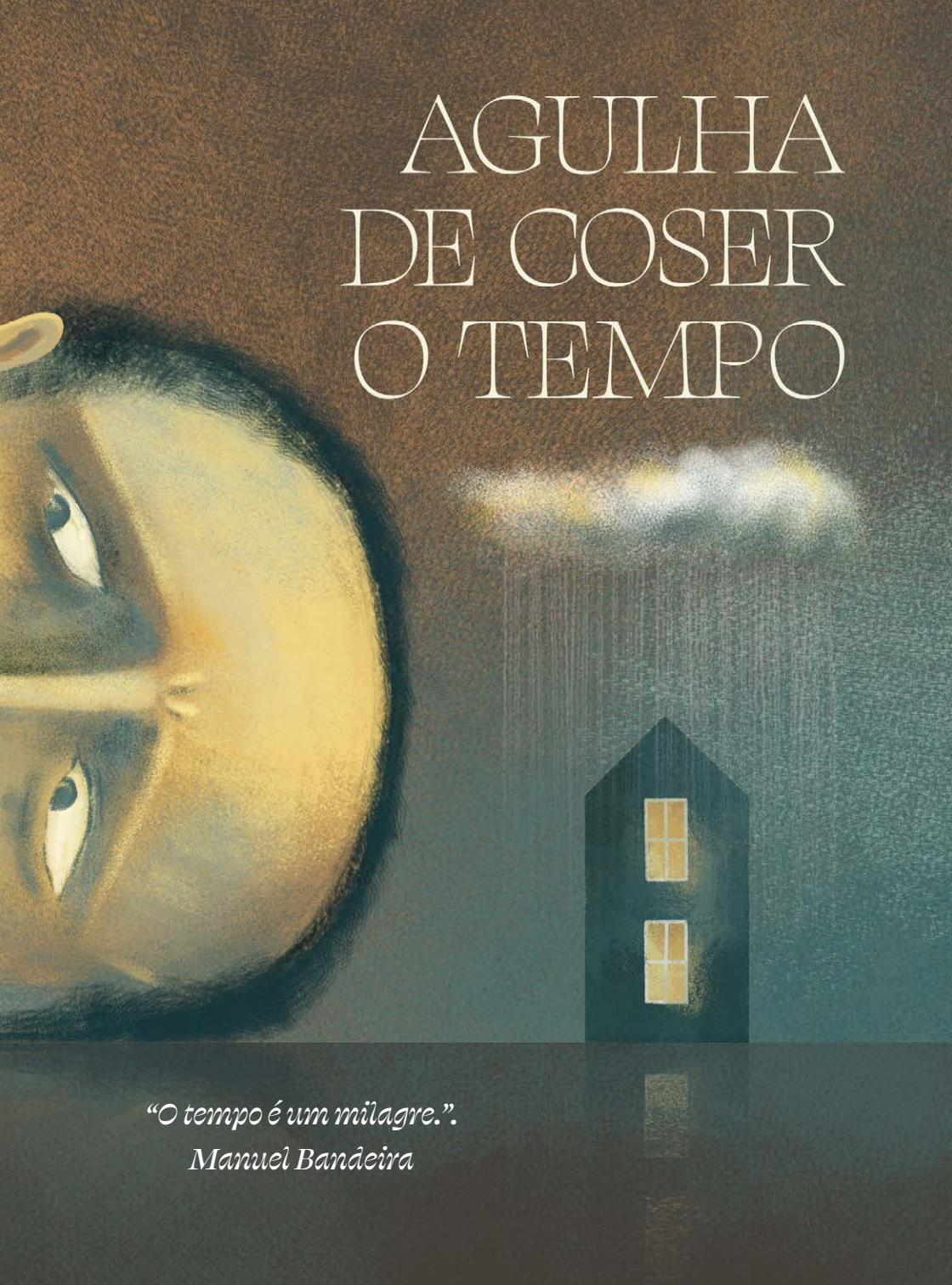
O poeta faz da sua atuação verbal  
uma transcendência deslumbrante,  
que opera o redivivo,  
com o objetivo de comover outrem.

## ***INSIGHT***

O poema é o pomo  
do sangramento humano,  
um testemunho da vivência,  
com segredos, e sobretudo,  
com revelações.

A poesia é uma quimera permanente  
e uma ficção fidedigna ao anímico.



The book cover features a dark, textured background. On the left, a large, close-up, yellowish face with wide, white eyes and a small, open mouth is depicted. On the right, a dark, triangular house with two glowing yellow windows is shown against a dark, rainy sky. The rain is represented by vertical streaks of light and dark. The title is written in a white, serif font at the top right.

# AGULHA DE COSER O TEMPO

*“O tempo é um milagre.”*

*Manuel Bandeira*

## O TEMPO

O tempo ampara os seus anzóis ciganos  
e o amanhecer desliza na alma

o relógio escorre descansado

a fuga

o horizonte

as procelas  
desmoronadas

e as reminiscências iradas  
da solidão e as cicatrizes apavoradas  
no infinito e as saudades no coração ofertadas

O tempo esfacela as suas iscas andarilhas  
e o anoitecer desafia a alma

O tempo rouba o tempo  
e nada se sabe do destino  
nem do homem  
o seu vazio

## PASSAGEIRO

O tempo arrulha  
uma saudade  
mergulhada  
na claridade  
do presente

O tempo  
arrasta  
o tempo  
e nada fica  
do tempo  
em seu sigilo  
escravo  
de passado

O compasso  
do tempo  
dadonde  
apontam  
as mazelas  
de um âmago

abundante  
de memórias  
mostra a agulha  
de coser  
o tempo  
como uma múmia  
que ponteia o horizonte  
da dor pura,  
fugidia  
que atravessa  
a vida...

A existência mais cruel  
e a inexistência mais pavorosa  
guardadas no coração  
a despontar  
o alumbramento  
do ser  
que faz morada  
nas veias humanas...

O tempo  
despenca  
como o mar  
e em seu desespero  
o rigor do mistério

o sal os cristais  
passageiros

A confiança  
que voa  
no além céu  
do espaço sonial

este pássaro  
que nunca saiu  
do tempo

## HIPNOSE

*"O homem poetiza tudo o que está longe."  
Pío Baroja*

O tempo  
tudo leva.

Do tempo  
algo fica  
à queima-roupa.

Viver  
é tudo  
lidar.

Para que nada  
fique  
na ilusão  
do lembrar.

## SENTENÇA

*“Poesia, morte secreta.”*  
*Carlos Drummond de Andrade*

O tempo  
é arco-da-velha  
que às turras  
arrasta o presente  
para os confins  
memoráveis.

## CATEQUESE

*“Criar o que nunca iremos ver: isso é a poesia”.*  
*Gerardo Diego*

Trajei os olhos de fuga  
para permanecer  
Trajei a alma de sonhos  
para não seguir

Vesti o tempo que parte  
em traje de gala:  
o agora mais.

## DE PROPÓSITO

A poesia está ao par do tempo.  
O poeta está a par da vida.

O poema é a pá da alma  
e a memória  
é o par das horas.

# PRECIPITAÇÃO

amanhã  
choveu

esta  
água  
de agora  
e de nada

a manhã  
choveu  
na infância  
do porvir

Hoje  
na  
manhã  
ainda  
choverá  
essa  
mesma  
sinfonia  
de um  
ontem  
talvez

amanhã  
choveu  
no futuro

e amanhece  
a poesia  
no eito  
do vento

durante  
a manhã  
choveu  
sem  
previsão

a manhã  
choveu  
na alma  
dos silêncios

amanhã  
choveu  
na embriaguez  
tocante  
ao incêndio  
e ao poema

a manhã  
choveu  
na cidade  
pertencente

amanhã  
choveu  
na vida  
absoluta  
e relativa

a manhã  
choveu  
na terra  
dos  
abismos

amanhã  
choveu  
o deserto  
refletido

amanhã  
choveu  
o coração  
nos sentidos

amanhã choveu  
cedo  
no delírio

amanhã  
choveu  
a sonata  
do ser  
prescrito

a manhã  
choveu  
na antemanhã  
sem chuva

amanhã  
choveu  
no tempo  
em dilúvio

amanhã  
choveu  
nessa aurora  
de passado  
e de sentimento

# EFÊMERO

*“Tarde chegamos, amigo, e tão tarde!”*  
*Höelderlin*

Ficou por certo  
polecada a polegada  
a perenidade  
da saudade.

## BAGAGEM

*“O mar nos levará para a pátria perdida.”  
Augusto Frederico Schmidt*

Predicativo do tempo,  
pejar da vida...  
folha a folha  
Mais-que-perfeito.

## MOVIMENTO

Maneira de ter  
os silêncios  
para esquecer  
a ferocidade  
desse tempo  
que vai  
levando  
conduzindo  
transportando  
movimentando  
as cousas  
vivas,  
de tempos a tempos.

## SABEDORIA

Não será o acaso  
o estranhamento  
absoluto da vidência?

# FILOSÓFICA

*“Claro relâmpago entre duas trevas:  
a de onde vim e aquela pra onde vou...”*

*Ascenso Ferreira*

Envelheci a alma a caminho do tempo,  
em busca do abismo,  
enquanto os tinteiros doloridos  
rascavam a imaginação colorida  
de bronze e de chumbo;

– Minhas tessituras metálicas.

# AGULHA DE COSER O AMOR





*A memória é um milagre.”*

*Manuel Bandeira*



## AS CURVAS

A geografia plácida do tempo  
a ternura das curvas!

Preservas, ó doce amada,  
a claridade das formas  
a conformidade do amor  
as carícias e as obsessões

Quem enturva os presságios  
sabe que a chave da sofreguidão  
está na insignificância das coisas  
e no levante das dores inventadas

As curvas, ó amada,  
são os labirintos e os segredos!

## AMADA

Altair é a multidão da minha dor,  
a inteligência do meu ser.

Vago como um peregrino  
na clarividência  
do seu olhar  
verde, verde  
de mar.

De repente, amada,  
sou a carência  
e os desejos,  
a febre  
dos anjos  
enfurecidos  
prorrogando  
em desespero  
o domínio agressivo  
da minha fome.

## **ORITO**

Tenho o coração cravado nas minhas raízes.  
Sou um ancestral  
e aprendi a minerar o essencial  
com os afetos.

## OMAR

Minhas mãos carregam  
o sal cristalino das ondas  
do mar do Piauí

Onde me encontro?  
Em que solidão me amparo?  
Até donde vai o destino dos pássaros?

A memória talvez  
transcenda  
as águas  
que há muito  
conheci

O menino remanesce  
no marulho triste  
da sua vida  
em arrulho

e espantado  
resguarda  
os corais  
renascidos  
ante o mar  
do Piauí

# MUSA

Formigueiro aceso  
zeloso por ti  
Incêndios da paixão

# ILUSÃO

*“(…) uma erotização da linguagem.”*  
*Octavio Paz*

Certa feita,  
pensei no rio  
que hoje arrasta  
a sedução  
do existir.

Discurso incoerente,  
talvez,  
por um pé de página perdido  
para quem mascara o fracasso  
de instante a instante.

## AOS POUCOS

Debalde

(o rio  
não se esgotou  
da infância)

e tudo passou  
adrede  
e tudo foi passando  
acinte  
se tornando passado  
em pé-de-meia  
desbotado.

# DESRAZÃO

À toa,  
o ser está às cegas  
e o coração é ilha.

# AGORA

*“Os navios passarão no fundo do horizonte.”  
Augusto Frederico Schmidt*

anuviar os sonhos  
move a alma  
e

# ATRAÇÃO

Causa das tempestades.

Gota-d'água.

Mexer dos ruídos.

Oscilar dos presságios.

## RESULTADO

*“Sonho quando estou acordado.”*

*Juan Miró*

Agitar-se do tempo  
andar flunar caminhar  
o infinito trôpego  
estimular promover produzir  
o espanto

# RESSURREIÇÃO

*“É mais fácil sepultar o tempo, que esquecer.”*

*Carlos Nejar*

O tempo  
rastejador  
de uma flor.

Inquilino  
da sorte  
e da dor  
nessa tristeza  
de Amor.

# DALÉMUNDOS

*“Escrevo a metade de um poema  
e o leitor escreve a outra metade.”*

*Paul Valéry*

De além  
Dalém  
Dalém mundos  
Dalémundos  
Estardalhaços

## ***HABEAS ANIMA***

Para Hugo Napoleão do Rego Neto

*“A poesia dá senso ao insensato.”*  
*Giambattista Vico*

A poesia é uma condição  
de *Habeas Corpus*.

O preso é levado ao juiz  
ao tribunal dos homens  
para deliberação  
e preservação  
da sua liberdade.

O poeta  
é apresentado a Deus  
para a remissão da vida  
para a glória  
e o seu rito.

Vaticina o júízo...

A poesia é um sacerdócio  
de destino trágico.

Ao invés de tome corpo!  
Tome alma, tome alma,  
tome alma...

A poesia salva-âmago  
na doação à arte  
para nada acontecer.  
Uma múltipla verdade  
que não produz  
acontecimentos  
mundanos.

Na maldição da mania  
em sua repetição  
comove,  
deleita  
e ensina.

A poesia  
é o salvo-conduto  
da imaginação  
e da loucura.

A poesia  
é a impugnação  
às dores do mundo.

Não um recurso,  
mas sim purgação,  
catarse  
e purificação  
no nirvana  
místico e agônico  
dos tempos.

## BEIRA DE RIO

Paisagens  
de memórias feéricas  
O rio desce  
além das profundezas.

O dia acaba.  
Morro amanhã  
ou depois.

A alma sangra  
com o seu olhar  
de madrugada.

# MÁXIMAS

*“Já morri tanto por conta do meu futuro morrer,  
que a morte me desaponta.”*

*Cassiano Ricardo*

Tudo é nada.

Nada vale nada,  
sentenciava a minha tia.

O abismo é tudo  
e a queda, a vida.

Nesse desacerto de certezas  
extremas,  
certas coisas aprendi.

Coração a perder.  
Vi ruínas.  
Não abandonei o ser.

O precipício é agônico.

Hoje também sei  
que nada  
absolutamente nada  
vale nada...

Paisagens  
de memórias feéricas  
O rio desce  
além das profundezas.

O dia acaba.  
Morro amanhã  
ou depois.

A alma sangra  
com o seu olhar  
de madrugada.

Tudo é relativo.

No mais,  
as procelas são gritantes  
e as vozes do silêncio  
ferem-se agudas.

E nada vale nada.

# LENDÁRIA

Ah, Parnaíba,  
a casa  
o centro a terra  
o mar o rio  
o rosto do mundo

o carnaubal  
a flutuar  
na santidade do tempo

a memória a infância  
as lembranças a vida  
o silêncio a solidão  
as virtudes de um sol  
pagão  
o reflexo o céu  
sobre a água  
as faces da manhã

e poeta e humano  
o mistério e a verdade  
a identidade

## RIATLA

Eu me procuro no rosto da sorte  
Eu me procuro na terra estranha  
Eu me procuro na minha própria  
cidade  
Eu me procuro no mangue  
Eu me procuro na lama  
Eu me procuro na noite  
do menino  
Eu me procuro no céu  
Eu me procuro no pesadelo  
Eu me procuro na viração do tempo  
Eu me procuro no sonho  
Eu me procuro nas vésperas do silêncio  
Eu me procuro nas vísceras do mar  
Eu me procuro nas águas insones  
Eu me procuro na floração da vida  
Eu me procuro nessa primavera  
Eu me procuro no alarde das ruínas  
Eu me procuro nas mãos do ventre  
Eu me procuro no absurdo do ocaso  
Eu me procuro na chuva

Eu me procuro no inverno e no verão  
Eu me procuro no incêndio  
Eu me procuro na fúria  
Eu me procuro na culpa  
Eu me procuro na distância  
Eu me procuro nos patos selvagens  
que riscam o horizonte  
Eu me procuro na ventania  
Eu me procuro na tempestade  
Eu me procuro na agonia  
Eu me procuro no retrato agônico  
Eu me procuro nas bananeiras  
Eu me procuro nas recordações  
da infância  
Eu me procuro no jardim  
Eu me procuro no chão  
Eu me procuro na evasão  
Eu me procuro nas serpentes,  
nos peixes, nos caranguejos  
e nos siris  
Eu me procuro no acidente  
Eu me procuro na escuridão  
Eu me procuro na cicatriz  
Eu me procuro até na raiz  
Eu me procuro em junho  
Eu me procuro no avião

Eu me procuro na ilusão  
Eu me procuro no camaleão  
em cima do muro  
Eu me procuro na casa invadida  
Eu me procuro na alma escondida  
Eu me procuro na dor  
Eu me procuro na memória  
Eu me procuro no espanto  
Eu me procuro no espelho  
e arregalo os olhos!  
Eu me procuro no reflexo  
Eu me procuro no complexo  
(nunca de inferioridade)  
Eu me procuro na saída  
Eu me procuro na chegada  
Eu me procuro na entrada  
Eu me procuro perdido  
Eu me procuro achado

Há tantas maneiras  
de me procurar...

E de súbito  
descubro  
o meu coração  
em Riatla!

E eu nem sabia  
da existência  
de uma paisagem  
interiorana assim  
adormecida,  
feroz e misteriosa  
acesa  
vivamente  
à procura  
de claridades  
e de abismos

Durmo em Riatla!  
Acordo em Riatla!  
Sou Riatlaense!

Por que ainda me procuro  
pelas ruas de Riatla?

Por que ainda sou fantasma  
na mitografia de Riatla?

Eu me procuro em Riatla...  
Eu me procuro em Riatla...

Eu me procuro no seu banho de rio  
Eu me procuro no redemoinho

Eu me procuro nos seus véus de noiva  
nas suas praias  
Eu me procuro nas suas dunas  
Eu me procuro nas suas curvas  
Eu me procuro nos seus ventos  
Eu me procuro nos seus cabelos  
– Paragem mulher do meu desejo  
Eu me procuro no seu sexo  
Eu me procuro no meu sexo

Eu me procuro na voragem  
marítima e campesina  
Eu me procuro no olhar  
da madrugada  
Eu me procuro no sol da manhã  
Eu me procuro no crepúsculo  
Eu me procuro na boca da tarde  
– Por que será que ainda  
me procuro na boca da noite?

Eu me procuro em Riatla  
Eu me procuro no êxtase  
da morte  
Eu me procuro no berço  
ciente dessa morte  
afogado e com medo

Eu me procuro enterrado  
Eu me procuro ressuscitado  
Eu me procuro no sétimo dia  
Eu me procuro no décimo  
segundo

mês

Eu me procuro nos anos  
Eu me procuro nas eras  
Eu me procuro em Deus

Eu me procuro em Riatla  
para não me esquecer de Riatla

Em Riatla,  
o passageiro  
possui

uma história  
de amor e de quimera  
com a Rainha do Reino de Tigres  
também Musa de Altaíba,  
o imaginado e o real  
nessa sangria de luz

Eu me procuro nos vagões  
Eu me procuro nas estações  
Eu me procuro no trem

que parte de Riatla  
rumo ao além

Eu me procuro fecundo  
Eu me procuro a nado  
Eu me procuro no nada  
Eu me procuro em tudo

Só em Riatla... Só em Riatla...  
Só em Riatla  
rejuvenesce o meu pensamento,  
porque o meu corpo me procura,  
porque o meu corpo me procura,  
porque o meu corpo me procura,  
ó espírito naufragado!  
ó espírito ardente!

Das muitas imagens de Riatla  
segue essa fuga violenta...

Riatla, o meu relógio de absinto!

## **EU ME PROCURO**

Eu me procuro no ventre da vida  
nas águas insones, na minha cidade,  
Eu me procuro na sorte parida,  
na floração do amor de verdade.

Eu me procuro no redemoinho,  
no sol da manhã, na alvorada,  
Eu me procuro no berço, no ninho,  
na boca da noite, na madrugada.

Eu me procuro no trem da história  
que parte de mim rumo ao além,  
Eu me procuro nos vagões da memória,  
Paisagens que são estações do bem.

Eu me procuro na casa invadida,  
nas recordações da minha infância,  
Eu me procuro na alma escondida,  
no medo, no espelho, na distância.

Eu me procuro no silêncio do grito,  
no pesadelo, no sonho sonhado,  
Eu me procuro esperança e conflito,  
no tempo de Deus, perdido e achado.

*\*Poema musicado por Francy Monte.*

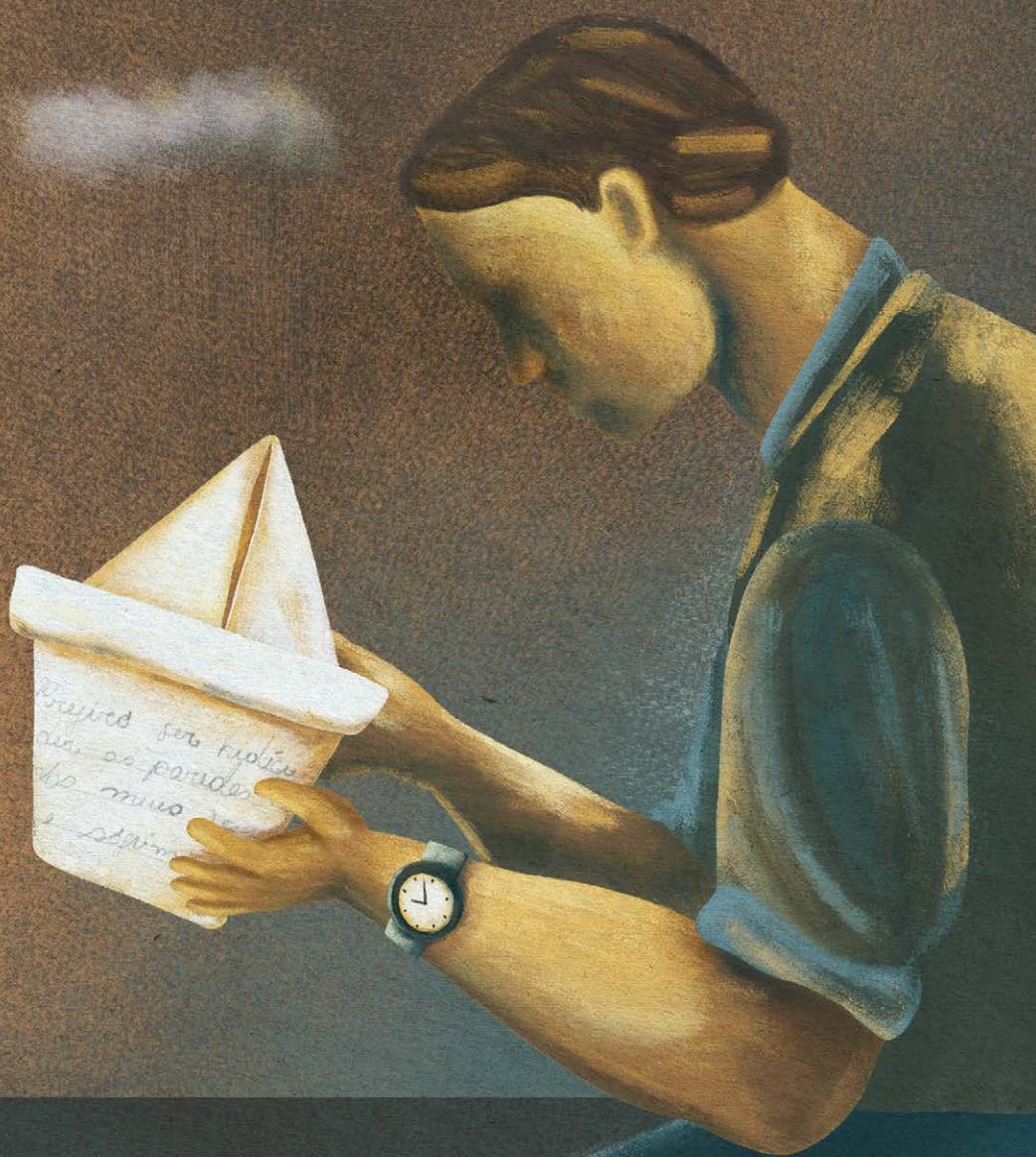


Romantica

arrivata in America

a tutta  
vela

una fonda  
il costume  
il tempo a  
sola



Querido seu pai  
que se perdeu  
hoje mais  
e sempre

---

© DIEGO MENDES SOUSA

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do autor e do editor.

---

APOIO CULTURAL Instituto Amostragem

PROJETO GRÁFICO Área de Criação

ILUSTRAÇÕES Iri Santiago

REVISÃO Altair Maria Sousa Marinho

---

CONTATOS DO AUTOR

E-MAIL [diego\\_mendes\\_sousa@hotmail.com](mailto:diego_mendes_sousa@hotmail.com)

INSTAGRAM [sousadiegomendes](https://www.instagram.com/sousadiegomendes)

WHATSAPP (86) 99451-5454

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sousa, Diego Mendes

Agulha de coser o espanto / Diego Mendes Sousa;  
ilustração Iri Santiago. -- Teresina, PI : Área de Criação, 2023.

ISBN 978-65-85113-05-2

1. Poesia brasileira I. Santiago, Iri. II. Título.

23-152524

CDD-B869.1

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

---

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

---

APOIO CULTURAL





Este livro foi composto com as fontes:  
Dupin cel, desenvolvida por Rodrigo Saiani;  
Swear Display, desenvolvida por James Edmondson.  
Impresso em papel Couchê fosco 90g/m<sup>2</sup> (miolo) e 300g/m<sup>2</sup> (capa).



**DIEGO MENDES SOUSA** (1989–) é poeta, cronista, crítico, memorialista, filho da Parnaíba (Costa do Piauí – Brasil) e autor dos livros de poemas *Divagações* (2006), *Metafísica do encanto* (2008), *50 poemas escolhidos pelo autor* (Edições Galo Branco, 2010), *Fogo de alabastro* (2011), *Candelabro de álamo* (2012), *Gravidade das xananas* (2019), *Tinteiros da casa e do coração desertos* (2019), *O viajor de Altaíba* (2019), *Velas naufragas* (2019), *Fanais dos verdes luzeiros* (2019) e *Rosa numinosa* (2022).



“Registro, igualmente, (...), e a figura que surge com *arrebato* lírico, no dizer de Lêdo Ivo, que é poeta e crítico, Diego Mendes Sousa, filho da Parnaíba, de que muito se dirá (...). Donde se depreende que (...) **não se percebe uma trajetória que se vai ascendo**, pouco a pouco, mas uma explosão de amadurecimento estético, o que é curioso e admirável, impondo-se um horizonte lírico poderoso, onde se canaliza forte amor à terra natal, a presença marítima, com temas que se entrelaçam, harmoniosamente, como o amor, a morte, a solidão, a miséria, o limite. Ou a coragem de *mergulhar no clarão*, traduzindo lembranças em precioso armazém verbal, assumindo certa **mitologia mágica**. E um nomadismo, aliado a uma alquimia que não se perturba com a incandescente alucinação da beleza, certo, com Blake, de que a *exuberância é beleza*. Busca sempre e obstinadamente, o que determina a sua grandeza, o que Octavio Paz chama de *convocação do tempo original*.”

Carlos Nejar, em *História da Literatura Brasileira – Da Carta de Caminha aos contemporâneos*. Quarta Edição, Revista e Ampliada. Editora Noeses. Ano de 2022. 1.172 páginas.

APOIO CULTURAL

